

**A poética das “cenas da natureza” e a formação da
literatura e da historiografia literária brasileira**

The poetics of "scenes of nature" and the formation of
literature and Brazilian literary historiography

Proponente: **Lúcia Ricotta Vilela Pinto**

(luciavilelapinto@gmail.com)

Instituição de exceção: **UNIRIO**

Rio de Janeiro

Agosto/ 2016

a) **Resumo:**

As categorias *cena de origem* e *poética da história*, de Philippe Lacoue-Labarthe (2002), orientam a presente compreensão das cenas da natureza, propostas no Brasil pelo historiador literário Ferdinand Denis, como paradigma fundacional da literatura e da historiografia literária do romantismo brasileiro. Parto da hipótese de que a teatralização da ideia de origem pelas *cenais* naturais e pelo primitivo converge com o amplo esforço de construção de uma *poética da história* e com a interação do homem e seu espaço geográfico. Ao lado do papel central representado pela história na identidade da recém-independente nação brasileira, sugere-se a importância da geografia para a fundação da nacionalidade literária no Brasil e para as distintas temporalidades ligadas ao território. No início do século XIX, a emergência da ciência geográfica foi delineada nos escritos do naturalista Alexander von Humboldt, a partir do engajamento humano com a natureza terrestre. O seu **Visões da Natureza** (*Anisichten der Natur*), de 1807, oferece ao **Cenas da Natureza** (*Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie* - 1824), de Ferdinand Denis, o nexo propriamente espacial das cenas tropicais de origem.

Busca-se reavaliar o programa do nacionalismo literário e historiográfico romântico, supondo a contiguidade da *poética da história* e da *poética das cenas* através do realce a ser posto sobre a dimensão espacial de uma situação *local* originária. Trata-se de recuperar a pertinência da geografia e de suas articulações temporais nesse movimento de interiorização de um Brasil originário, “à margem da história.” Tudo isso nos remete a uma geografia de interiores heterotópicos, evocadora de começos hipotéticos de nossa história, nos quais se figuram “ilusões retrospectivas de nacionalidade,” como denomina Francisco Foot Hardman.

Palavras-chave: Literatura; Historiografia Literária; Espaço; Cenas de Origem; Romântico.

1. Introdução e justificativa

History meanwhile will stay where it is – in a ditch at the edge of the forest
(**Molloy**, Samuel Beckett)

A representação histórica é, assim como a artística, imitação da natureza
(**Über die Aufgabe des Geschichtschreibers**, Wilhelm von Humboldt)

É preciso lembrar que pintar a natureza brasileira no que ela tem de mais tropical, de mais antieuropeu, é de um nativismo ilógico. Porque, quer queira quer não, o artista se coloca, para isso, exatamente no mesmo pé que o estrangeiro recém-chegado: quer dar uma sensação de exotismo. Para poder elogiar o que a paisagem carioca tem de original, é preciso compará-la mentalmente com outras, e, logo, adotar, provisoriamente pelo menos, uma alma europeia.

(**Machado de Assis, paisagista**, Roger Bastide, 1940)

A literatura e a historiografia literária do romantismo brasileiro encontram na natureza um sentido de origem. O “caráter” da natureza tropical é indissociável da origem da nacionalidade e a origem da nacionalidade constitui a condição da poesia. Estima-se que a reinvenção poética da natureza, que consiste numa das possibilidades do romantismo em geral, representa a rearticulação da antiga relação aristotélica entre natureza e arte, ou entre *phúsis* e *tékhnè*.¹ O rendimento dessa relação na modernidade orienta distintos paradigmas miméticos, em fins do século XVIII e início do XIX, para a arte e, conseqüentemente, para a literatura que, no Brasil oitocentista, será instada a estabelecer os contornos da nação.

¹ A aproximação entre arte e natureza, por Kant, produz o paradigma moderno para a criação artística. O destino desta produção está a partir de então dirigido para a realização de uma obra, cujo efeito é tão verdadeiro quanto a própria natureza. Toda a analítica do valor *natural* do artifício provém de **Crítica do Juízo**, de 1781, o momento de sistematização da faculdade do juízo do belo e do sublime. Nele, Kant postula uma analogia entre a arte e a natureza; a arte *como se* fosse natureza. Reproduzo breve excerto de “Introdução à Crítica do Juízo”: “a natureza, se se considera como técnica (ou plástica), por uma analogia, segundo a qual sua causalidade tem de ser representada com a arte, po[de] ser denominada, em seu procedimento, técnica, isto é, de certo modo artística.” Convém estender esta analogia aos parágrafos 43 e 45, de **Da arte e do gênio**, respectivamente: “Da arte em geral” e “Bela-arte é uma arte, na medida em que, ao mesmo tempo, parece ser natureza”. In: KANT, I. “Introdução à Crítica do Juízo” e “Analítica do Belo”, §1-22, e “Da Arte e do Gênio”, §43-54. São Paulo: Abril Cultural, Col. Pensadores.

A presente proposta apoia-se na concepção de arte face ao alto poder expressivo da natureza e, em especial, face à égide de um “pensamento da origem”, que remonta ao estado de natureza rousseauiano.² Para Jean Starobinski, Rousseau pressente a “separação” interposta entre “a voz da natureza” e o artifício humano, sugerindo a necessidade de se repor a junção desses dois termos através de uma “arte aperfeiçoada,” em que subsiste a “força primitiva vegetal: a *physis*.”³ Tal problemática será transposta para o contexto de fundação do nacionalismo romântico, em especial, para o projeto das cenas do Brasil oitocentista primeiro anunciado pelo historiador literário Ferdinand Denis e pelo poeta e historiador literário Gonçalves de Magalhães. Projeto este confrontado com a tópica da virtude *local*, introduzida pela “visão direta das terras tropicais”, em **Visões da Natureza** (*Ansichten der Natur*),⁴ do viajante-naturalista Alexander von Humboldt.

Obras de poesia e prosa, memórias, relatos e itinerários de viagem, discurso etnográfico, histórico, narrativas de guerra da produção letrada do século XIX serão selecionadas ao longo da pesquisa, conforme a pertinência que guardam com o *topos* humboldtiano das cenas. Interessamos igualmente selecionar artigos da Revista do IHGB, durante o período imperial, e artigos da *Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire*, publicação que reúne extratos de “memórias históricas sobre a origem da línguas, costumes e artes dos povos pouco ou mal conhecidos,” bem como boletins sobre a descobertas e pesquisas que “tendem a acelerar o progresso das ciências históricas, especialmente da geografia.”⁵ De saída, é preciso dizer que a delimitação estrita e cuidadosa do *corpus* literário e historiográfico literário será realizada durante o desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa, na Escola de Letras da UNIRIO. A delimitação primeira, aqui, das questões e justificativas teóricas servirá de apoio para levantamento e recorte bibliográfico posterior.

A natureza foi inventariada pelos românticos inspirados na designação do pitoresco.⁶ No romance romântico, o “lastro do real” aparece como a “intenção programática de descrever a

² A referência aqui é o **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens** (1754), de Jean-Jacques Rousseau. E a sugestão sobre a problemática da origem como sendo a novidade inestimável do pensamento de Rousseau é apontada por Philippe Lacoue-Labarthe, em **Poétique de l'histoire**. Paris: Galilée, 2002.

³ STAROBINSKI, Jean. **A transparência e o obstáculo**. São Paulo: Cia das Letras, 310-329 & STAROBINSKI, Jean. **Le remède dans le mal. Critique et légitimation de l'artifice à l'âge des lumières**. Paris: Gallimard, 1989, p.263-286.

⁴ HUMBOLDT, A. von. **Ansichten der Natur**. Stuttgart: Reclam, 2008.

⁵ *Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire... par MM. J. B. Eyriès et Malte-Brun*. Paris: Gide Fils, 1819 - 1865.

⁶ Vide Flora Süssekind sobre essa espécie de contaminação entre o viajante naturalista e o narrador da prosa ficcional romântica brasileira, em especial, **O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1990. Vide, ainda, as pontuações de Luiz Costa Lima, em **Implicações da brasilidade**, em que condena certa “cultura da exterioridade” face à ausência de um sentimento de nacionalidade: “como não havia sentimento de nação, logo depois de proclamada a Independência, este teve de ser construído e desenvolvido artificialmente”, p. 20-21. A exterioridade da natureza como cerne do “fenômeno identitário” é, a seu ver, “da ordem da descrição” do

nossa realidade.⁷ Desde o que o crítico Antonio Candido vai chamar de o “verdadeiro pré-Romantismo franco-brasileiro,” a paisagem e a configuração geográfica dos territórios interiores passam a desempenhar importante papel para a prática letrada. A “influência dos viajantes estrangeiros na formação do romantismo brasileiro”⁸ ganha contornos decisivos na sistematização da pintura da terra e do homem americano. Ferdinand Denis, viajante naturalista, que esteve no Brasil entre 1817 a 1821, publica o **Cenas da Natureza sob os Trópicos e sua Influência sobre a Poesia**,⁹ em 1824. Denis, no entanto, repisa outro livro, lançado na Alemanha em 1807, o **Visões da Natureza** (*Ansichten der Natur*), do naturalista Alexander von Humboldt. Este, embora citado no “complexo Schlegel-Stäel-Humboldt-Chateaubriand-Denis,”¹⁰ localmente filtrado para produzir o *nosso* romantismo, é raro não ser sublimado pela crítica literária que isola os esforços de formalização científico e estético do que Humboldt chama de “um puro interesse pela natureza”¹¹ (*ein reines Naturinteresse*) e do “sentimento obscuro do caráter da natureza local” (*dunkle Gefühl dieses lokalen Naturcharakters*).¹²

O romantismo nacionalista carecia da fundação poética de um estado de natureza capaz de lançar o “Brasil e os brasileiros” na história e no espaço. Buscar as origens históricas do “fundo do tempo” correspondia às origens no fundo do espaço, no longínquo e remoto, desde uma geografia da infância da história. A maneira de tirar o Brasil do estado de natureza é arrancá-lo pela raiz, i. e., desenraizando-o dos interiores e pinçando-o de *dentro* para, a partir daí, reinventá-lo poeticamente por meio do artifício das cenas *íntimas* da natureza. Há um rendimento específico da metáfora vegetal como modelo de fundação, produção e criação pelo gênio próprio de um Brasil naturalizado.¹³ É nesse sentido que se constitui uma *poética da história*, deitando as raízes das *cenas de origem*¹⁴ nas cenas tropicais da natureza. O dilema propriamente romântico de escrita da história literária apresenta-se da seguinte forma: como dar conta da origem do Brasil sem o Brasil efetivamente? Onde e quando começaria o Brasil, ou a literatura do Brasil? A chave está em Gonçalves de Magalhães, em especial, no “Discurso sobre a História da Literatura do Brasil,” de 1836, que aponta para as “felizes disposições de uma pródiga natureza.” O que já indica a

pitoresco. Somente com Machado de Assis, a autoreflexividade do sujeito sobrepõe-se à norma da natureza, transformando a nacionalidade num “sentimento íntimo”. In **Floema. Caderno de Teoria e História Literária**. Ano II, n.2. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2006.

⁷ CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, p. 430.

⁸ IDEM, p. 293.

⁹ DENIS, F. *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie*. Paris: Chez Louis Janet, 1824, 516 p.

¹⁰ CANDIDO, Op. cit., p. 331.

¹¹ HUMBOLDT, A. von. Op. cit., 2008, p. 16.

¹² HUMBOLDT, A. von. Idem, p. 74.

¹³ Brevemente indicada está a “imagem vegetal” como correlata à “obsessão pela origem” no primeiro capítulo “Da sensação de não estar de todo”. In: SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui. O narrador; a viagem**. São Paulo: Cia das Letras, p.11-34.

¹⁴ LABARTHE, Lacoue-Labarthe. **Poétique de l’histoire**. Paris: Galilée. 2002.

apropriação das cenas tropicais como o gesto fundacional de uma *poética da natureza* dentro do programa da nacionalidade na literatura. Para os românticos, a natureza física precisava *naturalizar* o Brasil, transformar o índio nessa espécie de subsolo histórico que “veget[ou] oculto” nas “entranhas da terra,” durante o passado de dominação lusitana. E naturalizar o Brasil significava nacionalizar as produções naturais, transformar a especificidade de seu clima e flora em matéria poética e circunscrever a diversidade territorial dos “pontos extremos” desde um Brasil originário e interior, enraizado nos sertões ignotos, desta vez os lugares ermos, os mais propícios para encarnar a “rocha viva” da nacionalidade.

Quando da explicitação do “Programa Histórico” do Instituto, em sessão de 3 de fevereiro de 1839, os membros do IHGB destacam a seguinte afirmação do filósofo e historiador Victor Cousin: “Dai-me a carta de um paiz, sua configuração, seu clima, suas águas, seu vento e toda sua geografia física; informai-me de suas produções naturais, de sua flora, de sua zoologia etc. e eu me comprometo a dizer-vos *a priori* qual será o homem deste paiz, e que lugar gozará na história.”¹⁵ Sob a pesquisa de uma natureza primitiva e selvagem, “à sombra da civilização”, constroem-se ilusões identitárias “mediante simbolizações espaço-temporais” dos “pontos extremos de fronteiras discursivas, geográficas e históricas desses mitos do ser nacional feitos e refeitos para se comungar”.¹⁶ A ironia histórica do *topos* das cenas está em que a essência nacional a partir dele é temporalizada através do desenvolvimento histórico das determinações culturais de um “caráter” americano *a priori*. A natureza tropical *em-cena* produz efeitos de extração cultural, dialetizando as verossimilhanças possíveis entre natureza e cultura no Brasil.

O “Discurso” de Gonçalves de Magalhães, publicado em Paris na **Niterói. Revista Brasiliense. Ciências, Letras e Artes**, de 1836, guarda ressonância do *topos* das cenas. E o *Scènes de la Nature sous le Tropiques*, tomado doravante desde o **Visões da Natureza**, de Alexander von Humboldt - que lhe serve de referência -, dá um sentido inédito à pintura do mundo tropical. No vínculo espacial do homem e da terra reside o interesse específico de **Visões da Natureza**. O **Visões** é escrito após a expedição de Humboldt à América, em 1804. Empenhado em um conhecimento deslocado da perspectiva das “expedições marítimas,” Humboldt realiza uma “viagem ao interior do continente,” uma “viagem de terra,” assim indicada em *Relation Historique* da viagem.¹⁷ O que está em jogo, desde então, é a submissão inédita da história natural à geografia das regiões, em especial, à parte “interior do Novo Continente” bem

¹⁵ “Programa Histórico”. **Revista do IHGB**. Tomo 1, Segundo Trimestre, 1839, nº 2, p. 63.

¹⁶ HARDMAN, F. F. **A Vingança da Hileia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 307.

¹⁷ HUMBOLDT, A. von. *Relation historique du Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Continent. Fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland, rédigé par Alexandre de Humboldt* (Paris: Schoell/Maze/Smith et Gide fils, 1814-18[31]).

como certa coerência espacialmente configurada pela fisionomia dos aspectos físico-locais e dos tipos morais, a expressão do “senso” da natureza para tipificação do “mérito” de cada lugar. É essa apreciação que a geografia de Humboldt permite: a dimensão característica da natureza conforme a região. Daí a noção dos territórios interioranos como receptáculo de tesouros, repisada e representativa do valor romântico do “ouro nas entranhas da terra.” A perícia do gênio nacional se desenvolverá, portanto pela manipulação do “instinto oculto” ligado às “felizes disposições da natureza brasílica” que manifestará o “caráter” das regiões tropicais.¹⁸

O *topos* humboldtiano das cenas do mundo tropical, integrado ao contexto de fundação da nacionalidade letrada, apontará para a continuidade entre a dimensão interna do solo nacional e as produções culturais das práticas literária e historiográfica. É manifesto nesse momento o esforço de territorializar o primitivo, as cenas originárias, os instintos, circunscrevendo topograficamente o território, esquadrinhando fronteiras para penetração nos interiores de especificidades regionais. Duas tarefas tinha a elite letrada do país: escrever história e ficcionalizar espaços originais. Sob o influxo de uma geografia física à geografia humana, para o qual vale a proposição, “cada zona, além de seus próprios méritos, também tem seu caráter particular,”¹⁹ o contorno fisionômico dos territórios provinciais submete-se a uma geografia civilizatória que justapõe nas regiões alheias à capital o nexos ilustrado da nacionalidade.

Os resultados dessa pesquisa expressarão a geografia como *arte* no contexto de consolidação da literatura e historiografia literária românticas no Brasil; a “imitação da pintura da terra” pela geografia contribui para a experiência de forjar a unidade histórica e territorial da nação. Buscar-se-á, portanto responder à questão: o quanto e em que contextos de práticas letradas a “noção geográfica” contribui para a representação literária dos mundos “internos, e extremos” do Império?

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral e relevância científica:

Neste projeto de pesquisa, pretende-se desconstruir categorias românticas como a de cenas da natureza, por exemplo, a partir de uma perspectiva crítica ligada à legibilidade histórica de

¹⁸ MAGALHÃES, G. de. “Discurso sobre a História da Literatura do Brasil”. _In. Biblioteca Academia Paulista de Letras. Volume 9. **Niterói, Revista Brasiliense. Ciências, Letras e Artes**, Tomo nº1, 1978, p. 145.

¹⁹ HUMBOLDT, A. von. Op. cit., 2008, p. 74.

práticas letradas e regimes ainda tradicionais que regem as letras, o discurso histórico e a geografia, os quais mantêm em longa petrificação a origem nacionalizada dos cenários sublimes naturais. E, para isso, será de notável importância a consideração sobre a larga tradição ainda vigente da *imago mundi* orientando os esquemas de letrados românticos, de modo que isso nos permita interpretar criticamente os românticos, sem romantismos, detectando em suas estratégias políticas e programáticas dirigidas à literatura as inovações de empréstimo e de segunda mão que adotam.

Além disso, procura-se, cruzando as fronteiras que dividiam e ao mesmo tempo aproximavam o Brasil e a França, alcançar certo contexto alemão, a fim de mobilizar a matriz esquecida do programa das *cenar da natureza*, cuja referência fundamental vem do viajante Alexander von Humboldt. Deste modo, estabelece-se um diálogo transnacional entre esses três países, ampliando o espectro das significativas construções de “comunidades imaginadas”, de meados do século XIX, que tiveram grande repercussão nos projetos literários e culturais do Brasil em formação.

2.2. Objetivos específicos

- Analisar o regime poético e retórico das letras ainda conservado na relação entre literatura, historiografia literária e representações espaciais do primitivo e originário no *corpus* circunscrito ao longo da pesquisa bibliográfica;
- Investigar o contexto de filiação semântica do programa Magalhães-Denis à proposta de territorialização das cenas por Alexander von Humboldt;
- Examinar o rendimento teatral na figuração do pitoresco; o pitoresco e a cena teatralizada da origem. Observar o pitoresco como regra da *mimesis* poética para produção de afecções e de instintos nacionais.
- Recuperar a analogia entre arte e natureza, e distinguir a arte *técnica* da arte do gênio. Duas noções de arte plenas de tensão nesse contexto da literatura e da historiografia literária. Diante dessa tensão, ponderar sobre a noção do romântico, da “inspiração” e da subjetividade romântica.

- Apreciar como a geografia enquanto pintura do mundo e paisagem concorre para a tipologia das virtudes e vícios locais e para proporção e desproporção entre civilização e primitivismo, origem e artifício.

3. Método e perspectivas teóricas

Cada um dos itens posteriores operacionaliza conceitos já delimitados em “Introdução e Justificativa”. Opta-se por tal tratamento heterodoxo, pois permite visão mais coesa da presente proposta.

3.1 - As cenas da natureza como cenas de origem

Têm força de fundação para o programa da nacionalidade as “felizes disposições de uma pródiga natureza”, salientadas por Gonçalves de Magalhães²⁰, em “Discurso sobre a História da Literatura do Brasil”. Caracteristicamente anti-lusitanista e programático, o “Discurso” condena a servil imitação classicista e exorta os escritores brasileiros a tomarem “por soberano o seu gênio,”²¹ a partir da filiação francesa (Magalhães, 1836, p. 270).²² A dupla questão nele levantada é: “qual a origem da literatura brasileira?” e “[p]óde o Brasil inspirar a imaginação dos poetas, e ter uma poesia própria?”²³ Segue a resposta do “Discurso”: “necessariamente devia inspirar os seus primeiros habitantes” (...) “este abençoado Brasil com tão felizes disposições de uma pródiga natureza.”²⁴ Trata-se, portanto de distinguir uma *disposição natural* do mundo tropical, para fazer-nascer *dela* o gênio; “[b]rasileiros músicos e poetas nascer deviam”. O programa é tanto mais interessante porque traz para o centro do discurso da história literária do Brasil a *cena* originária da natureza e, com ela, o valor do conceito de *origem* ao lado do de *cena*. Conceitos poéticos prescritos para a dimensão histórica e espacial do “caráter original que a poesia deve assumir no

²⁰ Embora S. B. de Holanda e A. Candido sublinhem o caráter pioneiro de Gonçalves de Magalhães - “um representante legítimo da nova escola [que] merece o título de fundador do nosso romantismo”, suspeita-se aqui desse aspecto revolucionário-romântico a ele atribuído, tendo em vista, não só o aspecto programático de seu **Suspiros poéticos e saudades**, como a sua imitação de antigos modelos e de tópicos em sua poesia. Concorre para a suspeita argumento de Alcantara Machado sobre “a inófia da imaginação [que] corre parelhas com a indigência de linguagem,” em **Gonçalves de Magalhães ou romântico arrependido**. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1936, p. 18.

²¹ MAGALHAES, G. de. Op. cit., 1978, p. 270.

²² “Ao deixar Paris”, poema de Gonçalves de Magalhães, de **Suspiros poéticos e saudades**, apresenta a substituição de matriz outrora neoclássica portuguesa pela formação agora à francesa: “Ó Brasil, porventura lisonjeiro/Serei no meu dizer? Donde te veio/A Ciência das Leis, a Medicina, A Moral, os costumes que hoje ostentas?/(...) Responda a gratidão. _Avulta, ó França!”

²³ MAGALHÃES, G. de. Op. cit., 1978, p. 269.

²⁴ MAGALHÃES, G. de. IDEM, p. 266.

Novo Mundo” (replico o subtítulo de *Résumé de la Littérature Brésilienne*, por Ferdinand Denis, quando se distingue a história da literatura brasileira da portuguesa).

Sob cena, a “pródiga natureza” constitui-se num regime de afecções ou instintos *técnicos* a serem mimetizados pelo poeta. Além de ser o método de regramento do espaço, p. ex., há uma proporcionalidade entre “ínvios sertões” e índios ferozes; nas selvas, a prodigalidade de instintos caracteriza a autêntica inocência da nação e dos americanos, por certo o rumo *natural* de seu desenvolvimento histórico. Coteje desde já o “instinto oculto”, de Magalhães, o “instinto de nacionalidade”, de Machado de Assis, a “mestiçagem”, de Silvio Romero, e a “brasilidade”, de Antonio Candido -, como a determinação de um *instinto próprio* ao Brasil e aos brasileiros que, mimetizado pelo poeta, faria com que o Brasil e os brasileiros seguissem a direção natural fixada originalmente nas cenas, as *máquinas* dos instintos nacionais,²⁵ efeitos do lento processo de particularização cultural da nação recém-independente em relação à antiga metrópole.

Em momento apropriado, deve-se diferenciar a atuação desses instintos pela historiografia literária acima referida.

O argumento de Magalhães a favor de um natural-local apresenta-nos uma natureza *tal qual* a arte, desde uma analogia entre arte e natureza. Também está presente uma arte *tal qual* a natureza, consolidada numa orientação espacial sobre o vínculo criativo do pitoresco, típica virtualização do *Geist*. Veja Magalhães encenando a passagem dos preceitos clássicos da poesia para a arte do gênio no Brasil: “o homem (...) no meio de uma virgem e emaranhada floresta não poderá ter por longo tempo os mesmos pensamentos, as mesmas inspirações, como se assistisse aos olímpicos jogos, ou na pacífica Arcádia.”²⁶ A equação sobre o “caráter da paisagem poética” obedece aos méritos e virtudes locais; assim como a natureza física não se ostenta a mesma em todas as regiões, também a poesia deve participar dessa variedade natural e exprimi-la, em suma: deve ser *tal qual* o natural-local das regiões.

A par da hipótese de Philippe Lacoue-Labarthe, em **Poétique de l’histoire**, sobre a “onto-tecnologia” e a problemática da *tékhnè* original, procurar-se-á ver em que medida as descrições de pássaros, abóboda celeste, rios, regiões distantes, vegetais, índios ternos e heróicos, negros lacrimosos visam afetar a própria natureza de *tékhnè*, dando rendimento ao regime de imitação tropical para o pitoresco teatralizado. Denis aponta a flor “cujo perfume é uma linguagem e cuja

²⁵ A exploração da matéria dos instintos na história literária brasileira configura a direção *natural* do desenvolvimento histórico da poesia no Brasil oitocentista, e foi assim examinada pelo crítico literário Paulo Franchetti (2007), em “As aves que aqui gorjeiam: a poesia brasileira do romantismo ao simbolismo.”

²⁶MAGALHÃES, G. de. Op. cit, 1978, p. 258.

cor um pensamento”, os campos nos seios das florestas “vivificados por pensamentos verdadeiramente poéticos”, a paisagem replicando os cantos do poeta etc.. Nada de natural na natureza tropical; em sua teatralização, ela é essencialmente *tékhnè*. Por outro lado, os “quadros” paisagísticos são afetados como o *natural*. Isso denota o dilema propriamente moderno pelo qual o *topos* das cenas se institui na literatura brasileira: a natureza representa a *condição de possibilidade* da *tékhnè*. A grande questão, contudo é: em que medida essa técnica da natureza manipulada pelo fazer do artista compreende processos de verossimilhança segundo preceitos da geografia como pintura da terra? As “viagens científicas” promovidas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os trabalhos etnográficos de Gonçalves Dias, a literatura de viagem por um Visconde Taunay, bem como o projeto de “literatura do norte” por Franklin Távora até os **Estudos Amazônicos**, de José Veríssimo servirão de *corpus* para testar indagações aqui elencadas.

3.2- Natureza: cenas dos instintos técnicos *ou* estéticos

Para recobrir a analogia entre arte e natureza, apoiemo-nos em **Kant e o Fim da Metafísica**, de Gerard Lebrun²⁷. No âmbito da terceira crítica kantiana, o autor sublinha a passagem da natureza entendida como mecanismo artesanal para a natureza concebida como organismo vivo. Esta passagem entre a natureza *artificial* e a natureza *orgânica* está, a seu ver, no novo interesse concedido ao *vivo* enquanto tal. Um que prevê na natureza a atuação de forças nascidas de um simbolismo técnico (a natureza enquanto obra de uma causa ativa, dotada do entendimento de um artífice, o *Artifex Magnus*) e, a outra, que vê na natureza a atuação de forças orgânicas, do princípio vital de criação apto a torna-la o modelo de criação da poesia -, a poesia se organizando e se reproduzindo a partir de si mesma assim como tudo; o homem, o animal e as plantas crescem, alimentam-se, destroem-se, reproduzem-se por si mesmos.

Tendo em vista essa perspectiva, é preciso retomar o *topos* das cenas pelo programa Humboldt-Denis-Magalhães, percebendo a tensão nele configurada entre a imitação da técnica da natureza e a afetação do *artificium* pelos românticos. Nesse sentido, ainda atentar para a advertência subterrânea desse programa, qual seja, a de sentir a “influência da natureza” sobre a imaginação poética, considerando a possibilidade de o poeta se inteirar da *disposição* e dos instintos *técnicos* da natureza, o “instinto oculto” de Gonçalves de Magalhães, por exemplo, que faz irromper a força irracional do gênio. Este tem o dom natural de *imitar* as “felizes disposições de uma pródiga natureza” à custa de meditação e de observação (des)interessada sobre a plenitude natural do primitivismo.

²⁷ LEBRUN, G. “A dissolução da finalidade técnica: a) A formação do conceito de vivo”. _ In. **Kant e o Fim da Metafísica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993, p. 327- 358.

3.3 - Poética das cenas: “toda história, como todo drama, supõe uma cena”

De um lado, na acepção de natureza do **Scènes de la Nature** existe um pensamento *da* origem, de um passado histórico, configurador de um acervo de técnica das paixões na cena primitiva de um “teatro originário.” Pensamento este remontável a Rousseau, em especial, ao **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. As cenas da natureza de Denis são cenas de imitação em que se exacerba a natureza maquínica, pródiga de afecções do primitivismo. As cenas da imitação tropical representam as técnicas das paixões nacionais. Nelas existe, de antemão, a estrutura dramática de um teatro mimético das belas paragens, em que um poeta-ator, com disposição afetada pelo *natural*, é correlato ao poeta-espectador dos “erros do passado” em relação aos índios, através do exercício terapêutico da piedade e da excitação da mesma. A teoria da piedade encontra sua formulação moderna no texto acima referido. Tudo ali segue o princípio de que “a comiseração será tanto mais enérgica quando o animal espectador se identificar com o animal sofredor.”²⁸ O poeta contempla “as cenas de perseguição” às “nações exterminadas,” compadece-se e, com isso, abre a possibilidade de uma “poética da história,” por meio da excitação da piedade.

Gonçalves de Magalhães considera a “cena” originária enquanto possibilidade de constituição de uma poética da história, com a função determinada de reparar e de regular os excessos do político através da afetação de piedade e de terror. A história espelhada na origem, no sofrimento e no silenciamento do primitivo. Embora afirme, em **Memória Histórica e Documentada da Revolução da Província do Maranhão**, que “a missão da história não é lisonjear paixões”, trata-se de verificar um caminho reto das paixões, foras dos vícios e dos erros do passado colonial.²⁹ Há que se examinar, no entanto, em que medida as cenas das guerras de que foi testemunha não constituem a teatralização artificiosa do político, quando a política de fato se torna arte e perde necessariamente a força e a virtude da justiça.

3.4 - A constelação espacial nas cenas e visões de Denis e Humboldt

O **Scènes de la Nature** segue o topos humboldtiano de *mimetizar* o mundo tropical numa “pintura da natureza,” refletindo aspectos de “lugares distantes.” No entanto, as visões humboldtianas se singularizam pelo apreço à “verdade da natureza” (*Naturwarheit*). Trata-se de uma operação científica e poética ao mesmo tempo. Apreciar a “verdade da natureza,” para

²⁸ ROUSSEAU, J.-J. Op. cit., 1975, p. 76.

²⁹ MAGALHÃES, J. G. de. **Memória histórica e documentada da revolução da província do Maranhão**. São Paulo: Editora Siciliano, 2001, p. 17.

Humboldt, supõe apreciar o que há de *vivo* na natureza para restituir ao seu poder aquilo que o tecnicismo natural confiava a um esquema artificialista. A entrada do espírito então, a dimensão espiritual do homem, representa a tônica dessa categoria de “verdade da natureza.” Se, em Humboldt, há a observância científica e rigorosa desta verdade, em Denis, parece haver uma distensão do endereçamento científico das cenas, certo desvio na recepção do naturalista alemão que, no entanto, possibilita a sentimentalização do naturalismo dele no Brasil.

A “pintura da natureza” (*Naturgemalde*) de Humboldt implica a territorialização do *local* em uma situação de conformidade entre o físico e o moral. Humboldt evoca a “beleza específica de cada território” e a “expressão característica” (*bezeichnenden Ausdruckes*) circunscrita aos traços estruturais que dão à vegetação dos lugares sua individual “fisionomia”: variedade e uniformidade, contraste e harmonia, escalas relativas de massas orgânicas etc. O *Scènes* postula a conspícua equação naturalista: “a poesia segue o caráter da paisagem”, “a musa do americano selvagem habita as belas florestas”, “as idéias são graves e imponentes como os lugares que lhes inspiram.”³⁰ É notável a proximidade do projeto das “cenas” de Denis ao de Humboldt. O *Ansichten der Natur*, de Humboldt, traduzido como *Tableaux de la Nature*, foi reiteradamente citado no livro de Denis. A proximidade do título, a epígrafe humboldtiana no *Scènes*, nos possibilita acrescentar a matriz das visões humboldtianas ao projeto francês de tipificação originária da natureza e das letras para o romantismo brasileiro. Vale, sem dúvida, diferenciar os usos de Denis, e os de Humboldt.

Se Humboldt é decisivo quanto à sugestão de se conceber a cultura da América, não apenas através de hipotéticas origens históricas, mas nos termos de sua diversidade geográfica, nos será permitido entender como pela mimesis da terra o tal efeito do “caráter” das regiões sobre as práticas culturais é intencionalmente exposto na recepção do *topos* das cenas naturais dos viajantes estrangeiros pelos letrados brasileiros.

3.5 - As cenas vegetais e a floresta primeva: a natureza *tal qual a arte*

O apelo vegetal tem força de fundação em nossa sensibilização crítico e historiográfica literária. Vide, por exemplo, o epíteto do “Discurso”, de Gonçalves de Magalhães: “Cada povo tem sua literatura própria, como cada homem seu caráter particular, cada árvore seu fruto específico.” Isso para demonstrar que existem as literaturas primitivas e originais, da qual a grega é o modelo, e há as literaturas européias de “árvores enxertadas” de onde se “vêm pender dos

³⁰ Denis, F. Op. Cit., p. 76.

galhos de um mesmo tronco frutos de diversas espécies.”³¹ Note a forma *arvoral* como Antonio Candido explica - entre raízes, árvores, arbustos e enxertos - o funcionamento da nossa literatura enquanto “sistema.” A afirmação dele, já clássica dentro do quadro de nossa interpretação historiográfica literária, “a nossa literatura é um galho secundário da literatura portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no Jardim das Musas...,”³² evoca, não só as “raízes” por meio das quais Sérgio Buarque de Holanda irá pensar criticamente a forma ibérica enraizada na cultura brasileira, mas, igualmente, dá continuidade à pergunta sobre o processo de configuração vegetal do fenômeno literário no Brasil.

Em “Aspectos de alguns vegetais; caráter que eles dão à paisagem, partido que a poesia pode tirar,” Denis sugere o rendimento de “amores vegetais” nas “diferentes regiões situadas sob os trópicos.” É a disposição *íntima* do belo físico natural que está sendo configurado sob a forma perceptiva de algumas cenas vegetais. Denis sublinha que “a natureza, dando às palmeiras (...) sexos diferentes (...) parece conceder a um ser inanimado uma parte desse sentimento que reúne todas as criaturas vivas. Para o momento da fecundação (...), o amante por um fraco movimento investe seu ramo trêmulo de palmeira sobre o amante.”³³ O nascimento do amor de *Paul e Virginie* é exemplar nesse sentido, pois coincide com a reprodução dos ramos e frutos das árvores-mães que os engendram. Veja-se aí a configuração vegetal do amor narrada por Bernardin de Saint-Pierre, autor largamente citado por Denis: “cada um deles desprendido do tronco materno, é enxertado no tronco vizinho, assim ambos estes meninos se enchiam de sentimentos mais ternos que os de filho e filha, de irmão e irmã, quando acabavam de lhes trocarem os peitos as duas amigas que os tinham dado à luz.”³⁴

Referência importante são as “amizades vegetais,” espécie de terapia das paixões, que Starobinski vê se processar quando Rousseau herboriza. Nesse rastro de figuração naturalista da sensibilidade, as cenas de Denis prodigalizam, pelo crivo da apreciação de nossa paisagem, a sensibilidade propriamente vegetal. A impressão dominante pela mente sensível européia é efeito da vegetação. Mais uma vez, a referência a Humboldt é decisiva, pois é ele que, meditando sobre “o caráter de diferentes regiões do mundo,” afirma ser inegável que “a principal determinação da impressão total (*Totaleindruck*) é a cobertura vegetal.” Pois, continua ele, “a criação vegetal atua (...) através da grandeza uniforme sobre nossa imaginação (*Einbildungskraft*).”³⁵

³¹ MAGALHÃES, G. de. Op. cit, 1836, p. 242.

³² CANDIDO, A. Op. cit., 2007, p. 11.

³³ DENIS, F. Op. cit., 1824, p. 13.

³⁴ SAINT-PIERRE, B. *Paul et Virginie*. Paris: Librairie Charles Tallandier, s/d, p. 16.

³⁵ HUMBOLDT, A. von. Op. cit., 1807, p. 76.

4 – Resultados

Cada um dos itens que se apresentou acima procura embasar as hipóteses que norteiam o projeto. A poética das cenas constrói uma imagística dos nexos espaciais da política identitária brasileira, *como se* a dimensão de cultura e de desenvolvimento histórico estivesse circunscrita à expressão poética do território. A terra compensa a falta de origem histórica no Brasil e cria a possibilidade de ficções geográficas seja pela territorialização de paisagens seja pela delimitação do espaço imaginário do primitivo e da infância histórica. Os resultados dessa pesquisa apontam, portanto para a comprovação da decisiva importância do “caráter” da natureza tropical aberto à captura poética e, numa espécie de *contratempo* histórico com alterações territoriais, fechado à poesia pelo processo de “tomada de terra de um novo mundo”³⁶. Assim, se coloca a primeira experiência do ser e da negatividade do ser do Brasil e dos brasileiros. Para os destinos da literatura e da história literária brasileira, em que “[t]udo passa sobre a terra”, como sumariza José de Alencar no final de **Iracema**, a infância da história nas cenas da natureza apresenta “a sua essencial negatividade, o seu já ser sempre o que não é ainda”, replicando os termos de Giorgio Agamben³⁷.

Tendo a lacuna em nosso início, sem a proveniência efetiva num tempo próprio ao Brasil, presume-se que a razão de ser do passado brasileiro, pelo escrutínio da figuração originária da natureza, estará circunscrita aos sertões, aos espaços incultos, esquecidos, pouco habitados ou inabitados do território nacional, onde “não se encontra absolutamente nada,” como afirma Wilhelm Ludwig von Eschwege, em **Observations sur la Manière de Voyager dans l’Interieur du Brèsil, et Tableau de cette Partie Du Pays**.³⁸ Espera-se que a literatura e a historiografia literária, a serem recortadas durante nossa pesquisa, revele um nova pertinência semântica do espaço ligada à descontinuidade temporal na história de nossa formação. Dos vazios da história sobrevém a terra como a possibilidade de experiência da nossa consciência histórica já comprometida. Notável, neste caso, a “Terra” em **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, vindo antes da luta histórica, numa margem fronteira da história, constituindo, pois, o nexo lógico e ideal desse acontecimento referente à própria interioridade do Brasil representada num interior paradoxalmente alheio. A nosso ver, portanto, o projeto das cenas de Humboldt-Denis-Magalhães no Brasil é herdeiro da operação genealógica que vê no espaço a solução para a

³⁶ SCHMITT, Carl. *O nomos da terra no direito das gentes do jus publicum europaeum*. Rio de Janeiro: Contratempo: Ed. PUC-Rio, 2014.

³⁷ AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

³⁸ ESCHWEGE, W. L. von. “*Observations sur la Manière de Voyager dans L’Interieur du Brèsil, et Tableau de cette Partie Du Pays*”. _ In: *Nouvelles annales des voyages ... par MM. J. B. Eyriès et Malte-Brun*. Paris: Gide Fils, 1819, Tomo 3, p. 118.

ausência de um início *de facto*. Essa é a hipótese subterrânea que se quer comprovar na presente proposta. Gosto da afirmação de Ettore Finazzi-Agrò de que existe na literatura e na historiografia literária brasileira uma espécie de substituição da história pela geografia.³⁹ É a constelação espacial do local, do interior e do íntimo que figura a origem oculta nas “entranhas das terra.”

Como resultado imediato dessa pesquisa vale mencionar os argumentos de dois artigos que estão sendo preparados nesse momento por mim bem como a realização das pesquisas em arquivo do IHGB para preparação de uma edição crítica de *O Brasil e Oceania*, de Gonçalves Dias. Resumo abaixo argumentos dos artigos para publicação em tempo breve:

a. O artigo agora intitulado **Figuras extraterritoriais do “ser nacional”: guerra e unificação territorial no esquema da diferença e da semelhança do espaço brasileiro** procura dar conta do registro “Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão entre 1839 e 1840”, de Gonçalves de Magalhães (1811-1882), tomando-o como objeto de memória da produção cultural deste autor, a partir da compreensão de suas proposições históricas, políticas e culturais. Percebendo-o como um objeto mais amplo de memória, o relato de guerra da Balaiada por Gonçalves de Magalhães - durante muito tempo deixado de lado pela crítica e historiografia literária brasileira -, constitui-se em importante narrativa, não só da política de identidade deste período historiograficamente caracterizado por um novo dimensionamento da prática letrada, mas de uma arte política de impor a semelhança e o negativo da semelhança nessa comunidade que estava se imaginando como um Brasil uno e territorialmente centralizado. Acredito ser possível interpretar essa “Memória Histórica...” como uma verdadeira *arte* que passou a estruturar o discurso da política identitária, codificando os espaços da hostilidade social do território nacional por vetores que vinham de fora para dentro tentando separar, em um oposicionismo implacável, os espaços de regressão, de trauma e de cenas originárias daqueles espaços do progresso e, com isso, distinguindo os parâmetros identitários da semelhança e da diferença, do interno e do externo, do ser e da História, do monstruoso e do virtuoso. Em suma, procuro demonstrar como o Brasil que Goncalves de Magalhaes nos sertões constitui a imagem especular, embora invertida, do outro, enquanto alteridade deformada e manipulada segundo os ditames progressistas da equação imposta pelo conhecimento-poder. É nosso interesse compreender a diferença buscada. De saída, é preciso dizer, não se trata da diferença, no sentido da caracterização de uma filosofia da diferença por Gilles Deleuze, uma vez que narrado um modo de ver os homens sertanejos, na “Memória Histórica...”, o que sobressai é a sua oposição em relação aos agentes burocratas do império, que os acompanharão tanto mais violentamente quanto deles pretenderão se distinguir. Neste caso, entraremos em considerações acerca de como os sertões interioranos do Maranhão figurados nesta “Memória” de Goncalves de Magalhães apresentam-se como territórios extras, periféricos e recalcados com os quais a perspectiva do centro reflete seu duplo em contra-imagem, repetindo o mesmo pela mediação do inverso do próprio, como numa lógica da identidade dos contrários.

Aqui vale uma digressão que nos levará à tematização da diferença propriamente em questão. Distinta da heterogeneidade, a diferença entre os sertões e o centro refletem os contornos de

³⁹ FINAZZI-AGRÒ, E. “Em formação. A literatura brasileira e a ‘configuração da origem’”. _In Raúl Antelo (Ed.). **Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos**. Serie Críticas, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Universidade de Pittsburgh, 2001, p. 165-182.

uma ontologia do ser nacional. Então não se trata propriamente de distinguir o homem sertanejo e o letrado, identificando-os em sua heterogeneidade. Todo o movimento narrativo (fabular) aqui trata efetivamente de autenticar uma existência nacional, buscá-la no seu fundamento. O fundamento seria um modelo que se sobrepõe à imagem. O fundamento seria o homem civilizado da Corte e sua imagem ou seus simulacros seriam os sertanejos. Se o ser nacional autêntico está em questão é preciso criar a sua imagem, o seu não-ser propriamente, ou a sua pseudo-realidade, e aí indagar em que sentido o ser nacional aparece como a diferença pura ou diferença ontológica. Não me parece que seja este o caso, pois subsiste na proposição romântica de Gonçalves de Magalhães o primado do original sobre a cópia, do originário sobre o derivado. Quando se fala em diferença pura deve se ter em mente que não se trata de distinguir a coisa mesma e os simulacros, pois o ser é não-ser, e o não-ser não é o ser do negativo, antes o ser do problemático, e da questão, para usar os termos de Deleuze explicitando a filosofia heideggeriana da diferença (DELEUZE, 2009, p. 101-4). Cito passagem de Deleuze que corroborará a afirmação anterior: “[o] ‘não’ na expressão ‘não-ser’ exprime alguma coisa distinta do negativo” (...) O ser é também não-ser, mas o não-ser não é o ser do negativo, é o ser do problemático, o ser do problema e da questão” (IDEM, p. 103) e na medida em que os sertões e os sertanejos põe o ser nacional em questão, transforma-os em problema.

Duas questões, portanto me interessam na narrativa de guerra por Gonçalves de Magalhães. Interessa-me verificar como Magalhães figura essa insurreição no que ela tem de desregramento de uma ordem que estava por se impor. Em primeiro lugar, é notável perceber como a “Memória Histórica...” constitui os espaços simbólicos identitários pelo uso de imagens contrastantes e antagônicas da existência nacional que se dividia e, ao mesmo tempo, ligava o litoral civilizado e o interior selvagem, a margem e o centro, o horror e o ameno. Em segundo lugar, interessa-me verificar como a representação simbólica dos espaços dos sertões do Maranhão deflagra a “falha”, nossa e constitutiva, que separa e simultaneamente liga a geografia e a história, o vazio de cultura e a plenitude natural, em suma, “o ‘excesso’ de espaço geográfico e a ‘escassez’ dos lugares de elaboração cultural, para usar os termos de Ettore Finazzi-Agrò (FINAZZI-AGRÒ, 2013:37). Dentro destes parâmetros, os sertões de Magalhães ganham destaque pelo seu protagonismo espacial, pois representarão, em cortes temporais de outros espaços, o contorno de outras existências nacionais ligadas à desmedida, à imoralidade e à violência.

b. O artigo então nomeado **Lírica da terra: índio no Rio Negro de Gonçalves Dias** situa o decisivo entrelaçamento entre poesia, etnografia e história inaugurado pela figura deste poeta. A viagem de Gonçalves Dias do Rio Negro até a fronteira com a Venezuela foi registrada unicamente em seu *Diário da viagem ao Rio Negro 15 de agosto a 5 de outubro de 1861*, escrito à lápis, transcrito por Lúcia Miguel Pereira e publicado, em 1943, como apêndice ao seu livro **A vida de Gonçalves Dias**. Esse diário guarda especial interesse no âmbito da tradição do indianismo e do indigenismo por ele praticado, uma vez que nessa sua viagem, que é uma viagem de estudo, basicamente guiada pelo largo braço da política imperial brasileira, visando reiteradamente abarcar um território também nacionalizador dos espaços ignotos de temporalidade, surpreende aos olhos de Gonçalves Dias uma temporalidade arruinada. Dias menciona a desterritorialização do índio movendo-se por um espaço amazônico esvaziado, empobrecido, desertificado e com ruínas, onde se desmobiliza os espaços coloniais da catequese. Ele afirma no **Diário**: “Tudo miséria e destruição”.

Quero demonstrar também um estranhamento produzido pela composição do **Diário**. Uma experiência de escrita outra nele se representa. No registro textual da viagem de Dias ao Rio Negro, a palavra curiosamente institui um vínculo temporal inédito entre a existência do poeta, sua máquina escriturária e a participação de sua palavra na abertura de um tempo original já disperso, desgastado e dispendido. Não eram anotações que formariam a narrativa prototípica do

relato naturalista ou aventureiro. Trata-se, segundo penso, da escrita de um poeta diante de um mundo que para ele vai se descortinando como diverso do seu e que, no entanto, pelo seu horizonte de diferença temporal e espacial, revela a diferença mesma, produzindo embaraços e vazios de percepção do poeta. São notas feitas de acordo com o quanto de amplitude e de profundidade foram concedidas pela experiência de abertura e opacidade de Gonçalves Dias.

Nesse sentido, quero verificar até que ponto se pode falar de experiência do índio e da experiência antropológica pelo poeta. Um poeta enlaçado à política imperial de ocupação e ordenação do território brasileiro, um agente dessa política que reproduz o discurso colonialista europeu, com suas soluções pré-fabricadas de catequese e civilização do outro, mas que também possibilita nesse **Diário** uma inflexão ou um novo equacionamento da questão ameríndia, que o torna, num certo sentido, um agente também problematizador do projeto político imperial, ao qual ele mesmo estava inserido. Percebo que no **Diário** a consciência civilizatória de Gonçalves Dias se vê abalada, a centralidade de sua posição é posta em dúvida, transtornando o seu discurso e a sua razão. No esforço de decifração e tradução em relação aos muitos índios que ele vai encontrando pelo caminho, há a mobilização dirigida à língua por eles falada, que aponta para um importante problema do debate intelectual do Brasil em relação ao que Jacques Derrida chama de “um outro pensamento sobre o outro”.

Tendo a pensar, portanto que as suas anotações obsessivas de horas e minutos, de cálculos desvairados serializando somas e mais somas de horários medem num certo sentido os limites da palavra no evento de um *outro* mundo, mundo de muitas línguas indígenas que ficam presas e engasgadas na língua de Gonçalves Dias. Ficam presas de tal modo que no fim de meia dúzia de lições com dois mestres Mahules, diz: “estou cada vez mais gago com eles, por ir conhecendo melhor a dificuldade de escrever as suas palavras” (Correspondência ativa, p. 298). Sobre a língua dos Mahules, que ele encontra em Manaus, em 1861, ele acrescenta: “rica de sons e variada na acentuação, quase se carece de um alfabeto para cada palavra, por que é preciso combinar letras a fim de representar sons que parecem intraduzíveis” (correspondência ativa, p. 298).

Certamente o poeta tinha sob seus olhos o *outro* às margens do Rio Negro, ecoando uma mistura de palavras estranhas, audíveis, que se avizinhavam e se encadeavam na construção de uma linguagem dizível e legível naquela Amazônia dos índios, graças a certa disjunção de palavras, de diversos dialetos do tupi que ele escuta e reproduz. Gonçalves Dias imprime à sua narrativa do diário uma configuração rítmica do dizer e do gesto sonoro da palavra tupi atravessando a sua linguagem. Nesse sentido, a Amazônia do Rio negro torna-se um mundo opaco e simultaneamente aberto à sua representação.

5. Bibliografia:

- Academia Paulista de Letras. (1836). Niteroy: Revista Brasiliense: ciencias, letras e artes. 9 1ª. Paris: Dauvin et Fontaine.
- Academia Paulista de Letras. (1836). Nitheroy: Revista Brasiliense: ciencias, letras e artes. 9, 2ª. Paris: Dauvin et Fontaine.
- Agamben, G. (2005). *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. (H. Burigo, Trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (trad. Vinícius Nicastro Honesko). Chapecó: Argos, 2009.
- Agamben, G. (2005). *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Alencar, J. d. (2006). *Iracema: lenda do Ceará*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Alencar, J. d. (2000). *O Guarani* (2ª ed.). Cotia: Ateliê Editorial.

- Alencastro, L. F. (1997) "Vida privada e ordem privada no Império". _In: Novais, F. (org. col.) & Alencastro, L. F. (org vol.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, vol.2.
- Antelo, R. (Ed.). (2001). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana.
- Arantes, O. B., & Arantes, P. E. (1997). *Sentido da formação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Araujo, V. L. (2008). *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Azevedo, Á. d. (2000). *Lira do vinte anos* (2ª ed.). (P. M. Filho, Ed.) Cotia: Ateliê Editorial.
- Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço* (2ª ed.). (A. d. Danesi, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Baltrusaitis, J. (1999). *Aberrações: ensaio sobre a lenda das formas*. (V. d. Harvey, Trad.) Rio de Janeiro: UFRJ.
- Baptista, A. B. (2005). *O Livro agreste*. Campinas: Ed. Unicamp.
- (2003). *A formação do nome*. Campinas, Ed. Unicamp.
- (2003). *Autobiografias*. Campinas, Ed. Unicamp.
- Campos, H. d. (2004). *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária* (4ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Candido, A. (1987). *A educação pela noite e outros ensaios* (Vol. 1). São Paulo: Ática.
- Candido, A. (2007). *Formação da literatura brasileira* (11ª ed.). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Candido, A. (2006). *O método crítico de Silvio Romero* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Castello, J. A. (1961). *Gonçalves de Magalhães. Trechos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Agir, Vol. 55.
- César, G. (1978). *1: a contribuição européia, crítica e história literária*. São Paulo: EDUSP.
- Chateaubriand, F. A. (1819). *Atalá ou os amores de dois selvagens no deserto*. Lisboa: Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva.
- Chaves, V. P. *O Uruguai e a Fundação da Literatura Brasileira*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- Coutinho, A. (1959). *Euclides Capistrano e Araripe*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.
- Cunha, E. d. (1995). *Obra completa: em dois volumes* (2ª ed., Vol. II). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Cunha, E. da. (2009). *Poesia reunida*. São Paulo: UNESP.
- Cunha, M. C. da (org.). *História dos Índios no Brasil* (2ª ed.). (2006). São Paulo: Companhia das Letras.
- Cunninham, A., & Jardine, N. (Eds.). (1990). *Romanticism and the sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Daston, L., & Galison, P. (2007). *Objectivity*. New York: Zone Books.
- Daston, L. (2004). *Things that talk*. New York: Zone Books.
- Denis, F. (1979). *Os maxacalis* (Edição Crítica ed.). (M. C. Pinto, Trad.) São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas.
- Denis, F. (1824). *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*. Paris: Chez Louis Janet.

- Denis, F. (2007). *Uma festa brasileira celebrada em Rouen em 1550: teogonia dos antigos povos do Brasil, uma fragmento recolhido do século XVI: poemas brasílicos de Cristóvão Valente*. (J. G. Botelho, Trad.) São Bernardo do Campo: Usina de Idéias/ Bazar das Palavras.
- Denis, F. (1837). Voyage. *Revue du dix-neuvième siècle*, 705-760.
- Dias, G. (1959). *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar.
- (1868). *Obras póstumas de A. Gonçalves Dias*. São Luiz do Maranhão: Impressor Bellarmino de Mattos.
- (1861). *Apontamentos auto-bio-bibliográfico*. Manuscrito ABN. Loc 80, 3, 34. Obras raras.
- (1896). *O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um acaso*. Pará. Manuscrito ABN. Loc. 80, 3, 34. Obras raras.
- (1858). *Diccionario da língua tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil*. Lipsia: F. A. Brockhaus & Livreiro de S. M. o Imperador do Brasil.
- (1964). *Exposição comemorativa do centenário de morte de Gonçalves Dias 1864-1964*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- Dias, M. O. (2005). *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo, SP: Alameda.
- Fortes, L. R. (1997). *O paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau*. São Paulo, SP: Discurso Editorial.
- Franchetti, P. (2007). *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.
- Goethe, W. von (1996). *Écrits sur l'Art*. Textes choisis, traduits et annotés par Jean-Marie Schaeffer & Introduction par Tzvetan Todorov. Paris: Flammarion, 1996.
- Hardman, F. F. (org.). (1998). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Hardman, F. F. (2009). *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP.
- Harrison, R. P. (1992). *Forests: the shadow of civilization*. Chicago; London: The University of Chicago Press.
- Holanda, S. B. (1991). *Capítulos de literatura colonial* (1ª ed.). (A. Candido, Ed.) São Paulo: Brasiliense.
- Holanda, S. B. (1989). *Raízes do Brasil* (21ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Humboldt, A. von. (2008). *Ansichten der Natur*. Stuttgart: Reclam.
- Humboldt, A. von. (1987). *Ansichten der Natur*. Studienausgabe: 7 Bd. Hrsg. von Hanno Beck. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

Einleitende Betrachtungen über die Verschiedenartigkeit des Naturgenusses und eine Wissenschaftliche Ergründung der Weltgesetzte. (Trad. Fabrício Coelho) *Considerações Introdutórias sobre as Diversas Formas de Apreciar a Natureza e uma Investigação Científica de suas Leis*. Mimeo.

(1814-1820). *Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland. Première Partie: Relation Historique. Tome 1 / réd. par Alexandre de Humboldt*. Paris: chez F. Schoell.

HYPERLINK "<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb37275535c/description>" \t "_blank" <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb37275535c/description>

Humboldt, W. von. (1960) *Über die Aufgabe des Geschichtschreibers. Schriften zur Anthropologie und Geschichte*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 585-606.

- Humboldt, W. von. (1960). *Über Schiller un den Gang seiner Geistesentwicklung. Werke in Fünf Bänden* (Ed. Andreas Flitner und Klaus Giel), Band 2. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Instituição Larragoiti. (1995). *A literatura no Brasil* (1ª ed., Vol. I). (A. Coutinho, E. Gome, & B. Filho, Eds.) Rio de Janeiro, RJ: Editorial Sul Americana S. A.
- Júnior, A. (1978). *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.
- Kant, I. (1993). *Crítica da faculdade do juízo* (1ª ed.). (V. Rohden, & A. Marques, Trans.) Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Kant, I. *Primeira introdução à crítica do juízo & Analítica do belo & Da arte e do gênio*. (Rubens Rodrigues Torres Filho, trad.) São Paulo, SP: Abril Cultural, Os pensadores.
- Kodama, K. (2009). *Os Índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; São Paulo: EDUSP.
- Lacoue-Labarthe, P. (2002). *Poétique de l'histoire*. Paris, França: Galilée.
- Lamartine, M. A. (1849). *Méditations poétiques*. Paris: Typographie de Firmin Didot Frères.
- Lebrun, G. (1993). *Kant e o fim da Metafísica* (1ª ed.). (C. A. Moura, Trad.) São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Lévy, J. (2000). *Le tournant géographique: penser l'espace pour lire le monde*.
- Lévi-Strauss, C. (1993). *Antropologia estrutural dois* (4ª ed.). (M. d. Pandolfo, Trad.) Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro.
- Lima, L. C. (Outubro de 2006). Implicações da brasilidade. *Floema: caderno de Teoria e História Literária*, pp. 13-22.
- Lima, L. C. (1989). *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Lima, L. C. (1981). *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Lytard, J.-F. (1993). *Lições sobre a analítica do sublime*. (C. M. Cesar, & L. R. Cesar, Trans.) Campinas, SP: Papirus.
- Machado, A. (1936). *Gonçalves de Magalhães ou o romântico arrependido*. São Paulo, SP: Saraiva & Cia.
- Magalhães, D. J. de (1999). *Suspiros poéticos e saudades* (6ª ed.). Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília.
- (2005). *Tragédias*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- (2001). *Memória histórica e documentada da revolução da província do maranhão*. São Paulo: Ed. Siciliano.
- (1964). *Cartas a Monte Averno*. São Paulo: Cons. Estadual.
- (1858). *Fatos do Espírito Humano*. Paris: Nas livraria d'Auguste Fontaine.
- Molnár, G. v. (1986). *Romantic vision, ethical context: Novalis and artistic autonomy* (Vol. 39). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Moretti, F. (2003). *Atlas do romance europeu (1800-1900)* (Trad. Sandra Guardini Vasconcelos). São Paulo: Boitempo.
- Nietzsche, F. (2003). *Segunda consideração intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (tradução de Marco Antonio Casanova). Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará.
- (1874). *Unzeitgemässige Betrachtungen. Zweites Stück: Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben*. <http://gutenberg.spiegel.de>

- Reil, P. H. (2005). *Vitalizing nature in the Enlightenment*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.
- Ricotta, L. (2003). *Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt*. Rio de Janeiro, RJ: MAUAD.
- Romero, S. (2001). *Compêndio da história da literatura brasileira*. Aracaju: UFS; Rio de Janeiro: Imago.
- (2001). *História da literatura brasileira* (Vol. II). Aracaju: UFS; Rio de Janeiro: Imago.
- (2001). *História da literatura brasileira* (Vol. I). Aracaju: UFS; Rio de Janeiro: Imago.
- (2002). *Literatura, história e crítica*. Aracaju, SE: UFS.
- (1969). *Obra filosófica*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio.
- Rouanet, M. H. (1991). *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo, SP: Siciliano.
- Rousseau, J.-J. (1989). *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. (UNB, Ed., I. G. Soares, & M. C. Nagle, Trans.) Brasília, DF: Ática.
- (2008). *Ensaio sobre a origem das línguas* (3ª ed.). (F. M. Moretto, Trad.) Campinas, SP: Unicamp.
- (1933). *Les Confessions* (Vol. 11º da Bibliothèque Reliée de la Pléiade). Paris, França: Coulouma.
- (2009). *Os devaneios do caminhante solitário*. (J. d. Simões, Trad.) Porto Alegre, RS: L&PM.
- (1994). *Júlia ou a Nova Heloísa*. São Paulo- Campinas: Hucitec Ed. Unicamp.
- Ritter, K. (1852). *Einleitung zur allgemeinen vergleichenden Geographie und Abhandlung zur Begründung einer mehr wissenschaftlichen Behandlung der Erdkunde*. Berlin: Reimer, 1852.
- (1863). *Geographical studies*. (William Leonhard Gage, trad.). Boston: Gould and Lincoln.
- Santiago, S. (1978). *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Schiebinger, L. (2004). *Plants and empire: colonial bioprospecting in the Atlantic World*. Massachusetts, Cambridge; London, England: Harvard University Press.
- Schiller, F. (1991). *Poesia ingênua e sentimental* (trad. Márcio Suzuki). São Paulo: Iluminuras.
- Schiller, F. (1995). *A educação estética do homem* (Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki). São Paulo: Iluminuras, 3ª edição.
- Schmitt, C. (1997). *O nomos da terra no direito das gentes do jus publicum europaeum*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.
- Schwarz, R. (2000). *Ao vencedor as batatas* (5ª ed.). São Paulo, SP: Duas Cidades; Ed. 34.
- Schwarz, R. (1987). *Que horas são?* São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Schwarz, R. (1999). *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Schwarz, R. (1990). *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo, SP: Duas Cidades.
- Souza, G. d. (1979). *O tupi e o alauide: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo, SP: Livraria Duas Cidades.
- Smuda, M. (1991). *Landschaft*. Suhrkamp Taschenbuch 2069: Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch Verlag.

- Starobinski, J. (1991). *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguidos de sete ensaios sobre Rousseau*. (M. L. Machado, Trad.) São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Starobinski, J. (1989). *Le remède dans le mal: critique et légitimation de l'artifice à l'âge des Lumières*. Paris: Gallimard.
- Süssekind, F. (1990). *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Süssekind, F. (2003). *Papéis colados* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: UFRJ.
- Tang, C. (2008). *The geographic imagination of modernity: geography, literature, and philosophy in german romanticism*. Stanford: Stanford University Press.
- Taunay, V. d. *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai* (13ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.
- Taunay, V. d. (1930). *Céus e terras do Brasil* (7ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves.
- Taunay, V. d. (1926). *Ouro sobre azul* (10ª ed.). São Paulo, SP: Comp. Melhoramentos de São Paulo.
- Taunay, V. d. *Viagens de outr'ora* (2ª ed.). São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- Taunay, V. de. (Sem data). *Memórias do Visconde de Taunay* (2ª ed., Vol. VI). São Paulo: Melhoramentos.
- Teixeira e Souza, A. D. (1844). *Os três dias de um noivado*. Rio de Janeiro: Tipografia imparcial de Paula Brito.
- Treece, D. (2008). *Exilados, aliados, rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação Imperial*. (Edusp, Ed., & F. F. Melo, Trad.) São Paulo, SP: Nankin.
- Vaysse, J.-M. (1994). *Totalité et subjectivité: Spinoza dans l'idéalisme allemand*. Paris: Librairie Philisophique J. Vrin.
- Ventura, R. (1991). *Estilo tropical: história cultural e polêmicas no Brasil, 1870-1914*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Veríssimo, J. (1954). *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)* (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio.
- Voßkamp, W. (ed.) (2009). *Theorie der Klassik*. Stuttgart: Philipp Reclam.
- Waizbort, L. (2007). *A passagem do três ao Um*. São Paulo: COSAC NAIFY.
- Wellbery, D. E. (2004). *A new history of german literature*. (H. U. Gumbrecht, A. Kaes, J. L. Koerner, & D. E. Mücke, Eds.) Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press.